

OBRA ABERTA

POEMA PARA GALILEU

ANTÓNIO GEDEÃO

Em 1964, por ocasião do IV centenário do nascimento de Galileo Galilei, foi publicada em Coimbra, na tipografia da Atlântida Editora, uma plaquette de quatro folhas, contendo o Poema para Galileo de autoria de Rómulo de Carvalho (1906-1997), que assinava as suas composições poéticas com o pseudónimo de António Gedeão. Antes de ser recolhido no volume Linhas de Força, vindo à luz em 1967, o poema saiu no número 25 da revista Estudos Italianos em Portugal (1965), acompanhado da tradução para língua italiana de Roberto Barchiesi (1929-2002), na altura leitor de italiano na Faculdade de Letras de Lisboa. Reproduz-se aqui o texto para celebrar o centenário do nascimento de Rómulo de Carvalho e relembrar, através dum exemplo privilegiado, o papel notável que a revista do Instituto Italiano sempre desempenhou na intensificação das relações culturais entre os dois países.

G. M.

Poema para Galileo

No IV Centenário do seu nascimento

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,
aquele teu retrato que toda a gente conhece,
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce
sobre um modesto cabeção de pano.
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha Florença.
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.
Disse Galeria dos Ofícios).
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada Florença.
Lembras-te? Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza della Signoria...
Eu sei... eu sei...
As margens doces do Arno às horas pardas da melancolia...
Ai que saudade, Galileo Galilei!
Olha! Sabes? Lá em Florença
está guardado um dedo da tua mão direita num relicário.
Palavra de honra que está!
As voltas que o mundo dá!
Se calhar até há gente que pensa
que entraste no calendário.

Eu queria agradecer-te, Galileo,
a inteligência das coisas que me deste.
Eu,
e quantos milhões de homens como eu
a quem tu esclareceste,
ia jurar — que disparate, Galileo! —
(e jurava a pés juntos, e apostava a cabeça
sem a menor hesitação)
que os corpos caem tanto mais depressa

*Io guardo il tuo ritratto, o mio vecchio pisano,
quel tuo ritratto che noi tutti conosciamo,
in cui la bella tua testa sboccia e fiorisce
sopra un modesto bavero di panno.
Quel ritratto della Galleria degli Uffizi della tua vecchia Firenze.
(No, no, Galileo! Non ho detto Sant'Uffizio.
Ho detto Galleria degli Uffizi).
Quel ritratto della Galleria degli Uffizi della raffinata Firenze.
Ricordi? Il Ponte Vecchio, la Loggia, Piazza della Signoria. . .
Lo so... lo so...
Le dolci rive d'Arno nell'ore grige della malinconia...
Ahimè che nostalgia, Galileo Galilei!
Senti! Lo sai? Laggiù a Firenze
è conservato un dito della tua mano destra in un reliquario.
E' vero, parola d'onore!
Come cambia il mondo!
Forse ci sarà pure gente che pensa
che hai un posto nel calendario.*

*Io vorrei ringraziarti, Galileo,
per l'intelligenza delle cose che m'hai dato.
Io,
e tutti i milioni d'uomini come me
che tu hai illuminato,
io avrei giurato — che sciocchezza, Galileo! —
(giurato a piedi pari e scommesso la testa
senza la minima esitazione)
che i corpi cadon tanto più veloci*

quanto mais pesados são.
 Pois não é evidente, Galileio?
 Quem acredita que um penedo caia
 com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um
 seixo da praia?

Esta era inteligência que Deus nos deu.
 Estava agora a lembrar-me, Galileio,
 daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo
 e tinhas à tua frente
 um friso de homens doutos, de toga e de capelo,
 a olharem-te severamente.
 Estavam todos a ralar contigo:
 que parecia impossível que um homem da tua idade
 e da tua condição,
 se estivesse tornando num perigo
 para a Humanidade
 e para a Civilização.
 Tu, embaraçado e comprometido, em silêncio mordiscavas
 os lábios,
 e percorrias, cheio de piedade,
 os rostos inabaláveis daquela fila de sábios.

Teus olhos habituados à observação dos satélites e das
 estrelas,
 desceram lá das suas alturas
 e poisaram como aves aturdidas (parece-me que estou a vê-las)
 nas faces grávidas daquelas reverendíssimas criaturas.
 E tu foste dizendo a tudo que sim, que sim senhor, que era
 tudo tal qual

conforme suas eminências desejavam,
 e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal,
 e que os astros bailavam e entoavam
 à meia-noite louvores à Harmonia Universal.
 E juraste que nunca mais repetirias,
 nem a ti mesmo na própria intimidade do teu pensamento,
 livre e calma,

aquelas abomináveis heresias
 que ensinavas e escrevias
 para eterna perdição da tua alma.
 Ai Galileio, Galileio!

quanto più sono pesanti.
 Non è forse evidente, Galileo?
 Chi crede mai che una montagna cada
 con la stessa rapidità d'un bottone di camicia o d'un sasso della
 spiaggia?

Era questa l'intelligenza che Dio ci diede.
 Stavo ora ricordandomi, Galileo,
 di quella scena in cui sedevi su uno scanno
 ed avevi di fronte
 una sfilza di dotti vestiti in cappa magna
 che ti guardavano severamente.
 Stavano tutti rimproverandoti:
 che vergogna, dicevano, che un uomo all'età tua,
 della tua condizione,
 stesse diventando un pericolo
 e per l'Umanità
 e per la Civiltà.
 Tu, imbarazzato e vergognoso, ti mordevi le labbra in silenzio

e passavi in rassegna, pieno di pietà,
 i volti irremovibili dei dotti allineati.

Gli occhi tuoi abituati ad osservare le stelle ed i satelliti

scesero da quelle altezze
 e si posarono come uccelli storditi (mi pare di vederli)
 sui volti gravi di quelle reverendissime creature.
 E tu dicesti a tutto di sí, sissignore, tutto era tale e quale

come le loro eminenze desideravano,
 e avresti detto pure che il Sole era quadrato e la Luna pentagonale
 e che gli astri ballavano e intonavano
 — a mezzanotte — le lodi dell'Armonia Universale.
 E giurasti che mai avresti ripetuto
 neanche a te stesso nella libera e calma intimità del tuo pensiero,

quelle abominevoli eresie
 che insegnavi e scrivevi
 per l'eterna perdizione della tua anima.
 Ah! Galileo, Galileo!

Mal sabiam os teus doutos juizes, grandes senhores deste
 pequeno mundo,
 que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,
 andavam a correr e a rolar pelos espaços
 à razão de trinta quilómetros por segundo,
 Tu é que sabias, Galileo Galilei!
 Por isso eram teus olhos misericordiosos;
 por isso era teu coração cheio de piedade,
 piedade pelos homens que não precisam de sofrer, homens
 ditosos
 a quem Deus dispensou de buscar a verdade.
 Por isso, estóicamente,
 compadecidamente,
 resististe a todas as torturas,
 a todas as angústias, a todos os contratempos,
 enquanto eles, do alto inacessível das suas alturas,
 foram caindo,
 caindo,
 caindo,
 caindo sempre,
 e sempre,
 ininterruptamente,
 na razão directa dos quadrados dos tempos.

*Non sapevano i tuoi giudici dotti, grandi signori di questo piccolo
 mondo,
 che anche così, appollaiati nei loro seggioloni a braccioli,
 stavano correndo, rotolando negli spazi
 a trenta chilometri al secondo.
 Tu sì, che lo sapevi, Galileo Galilei!
 Per questo gli occhi tuoi erano misericordiosi;
 per questo era il tuo cuore sì pieno di pietà,
 pietà per gli uomini che non hanno bisogno di soffrire, gente felice
 che Dio ha dispensato dal cercar la verità.
 Per questo, stoicamente,
 compassionevolmente,
 tu resistesti a tutte le torture,
 ad ogni angoscia, ad ogni contrattempo,
 mentre loro, dall'alto inaccessibile della loro altezza,
 andarono cadendo,
 cadendo,
 cadendo,
 cadendo sempre,
 e sempre,
 ininterrottamente,
 proporzionalmente al quadrato dei tempi.*

ANTÓNIO GEDEAO
 (Trad. de Roberto Barchiesi)